

Bacharel Eduardo Mota — idem em Esposende.
 Bacharel Ernani Rebello Peixoto Magalhães — idem em Vieira.
 Bacharel Manuel Bernardino de Araujo Abru — idem em Guimarães.
 Exonerados o juiz de paz, o seu substituto, o escrivão de paz e o official de diligências de paz do districto de Reriz, comarca de Castro Daire, e nomear para estes logares, respectivamente, Antonio de Almeida Pinto, Manuel Carneiro, Abilio Teixeira Cardoso e José de Almeida.
 João da Costa Faro — nomeado escrivão de paz do districto de Mangualde, comarca do mesmo nome.
 Exonerado o official de diligências do juizo de paz do districto de Mões, comarca de Castro Daire, e nomeado para este logar José Julio da Guarda.
 Direcção Geral da Justiça, em 14 de março de 1911. —
 O Director Geral, *Germano Martins*.

MINISTERIO DAS FINANÇAS

Secretaria Geral

O Governo Provisorio da Republica Portuguesa faz saber que em nome da Republica se decretou, para valer como lei, a transferencia, do Ministerio das Finanças para o da Guerra, da exploração agricola e de coudelaria das propriedades «Tapada de Alter do Chão», na comarca de Fronteira e «Herdade da Assumar», na de Portalegre, com todos os encargos que lhes correspondem e em diploma especial serão desligados das despesas da Superintendencia dos Paços.

Determina-se portanto que todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução do presente decreto com força de lei pertencer, o cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nelle se contém.

Os Ministros das Finanças e da Guerra o façam imprimir, publicar e correr.

Dado nos Paços do Governo da Republica, em 11 de março de 1911. — *José Relvas* — *Antonio Xavier Correia Barreto*.

O Governo Provisorio da Republica Portuguesa determina, pelo Ministro das Finanças, que sejam novamente postas em vigor todas as disposições concernentes ao auxilio a prestar pela guarda fiscal, na repressão da caça em tempo defeso, e que foram derogadas pelo despacho ministerial de 4 de março de 1905.

Paços do Governo da Republica, em 13 de março de 1911. — O Ministro das Finanças, *José Relvas*.

Documentos referentes á syndacencia á Casa da Moeda e Papel Sellado

Appendice n.º 4

Rua do Telhal, 71, ás 10 da noite, em 1 de outubro de 1892. — Meu querido Lima. — Venho pedir-lhe mais um favor, que me escreva amanhã para a Chamusca a dizer como passou a sua querida doente e como estão sua Ex.^{ma} Esposa e Filha; sai hoje da Casa da Moeda impressionado, lembrando-me de quanto V. tem soffrido ultimamente e custa-me immenso vê-lo preocupado e triste.

Espero que a febre vá decrescendo e desapareçam todos os nossos receios, e brevemente, *sob um outro teto*, se reunam todos os seus, tendo eu o grandissimo prazer de os acompanhar nesse momento porque não sou para V. Ex.^{ma} um estranho, antes os considero como familia minha que muito prezo. Abraça-o com muita dedicação o seu — *J. Isidro dos Reis*.

P. S. Recebi e muito agradeço 200\$000 réis em prata e que ha de adicionar ao meu debito para comsigo; crevo muito á pressa e por isso risquei algumas palavras de que peço desculpa.

Arneiros, 29 de outubro de 1892. — Meu querido Lima. — Em envelope á parte receberá uma guia, para immediatamente mandar buscar á estação do Rocio um pequeno caixote com um lombo de porco (que mandará arranjar para se não estragar), um casal de perus e dois barris (peque nos) de vinho tinto e branco, tudo isto é para auxiliar a convalescença da sua querida neta. Estou certo que o vinho branco, muito simples e puro, lhe fará bem.

Tenho enorme sentimento que o meu caro amigo não venha aqui estar uns dias já; bem sei que muito se aborreceria sem distrações, mas a mudança de ares tambem lhe havia de fazer bem. Eu vou ahi no principio do mês, e irei abraçá-lo, e veremos se o resolvo a acompanhar-me então, porque, se Deus não mandar o contrario, aqui me conservarei até 20 de novembro pelo menos. Então o meu amigo tambem já fraquejou? Faço votos para que o incommodado seja passageiro, como o espero, e a bronchite desapareça immediatamente.

O Burnay parece que foi roubado; é possível, se é verdade o que dizem, que a eleição seja annullada.

Estou convencido que o Mariano recebeu dinheiro do Alto Mearim; mas, para a eleição de Santarem, a mim me offereceu elle para gastar no meu *concelho* quatro contos. Não aceitei, porém, um real, nem tive outras despesas senão a de dar de comer (quatro pratos) á farta a mais de quatrocentas pessoas e *vinho á descripção*. Não sei se elle tambem aproveitaria para a eleição do Cartaxo (que lhe havia de custar muito cara), mas no proprio *concelho* de Santarem estou certo que despendeu grossas quantias para vencer com o Alto Mearim, e; attenuando ahi a votação, ter vencimento, como teve, com os *concelhos* do sul. Tudo, porém, é possível na epoca que vivemos! Do Mariano hoje tudo se pode acreditar porque o publico não confia já nelle.

Estimámos a noticia de que a sua querida doente continuava melhorando.

Cumprimentos affectuosos nossos para a sua Ex.^{ma} Familia e um abraço estreitissimo do seu muito dedicado — *J. Isidro dos Reis*.

12 de novembro de 1892. — Meu querido Lima. — Não me leve a mal as minhas impertinencias, sou muito seu amigo, mas não queria, por forma alguma, causar-lhe a sombra de um sacrificio. Os amigos são para nos dedicarmos por elles, nunca para os explorarmos; esta é a verdade.

Devido á sua amizade fiz umas compras importantissimas e tenho-me servido do seu dinheiro como do meu, e tenho tido a grande consolação de não vender genero algum adeantado; assim, hontem appareceu-me aqui um tal Francisco Maria Nobre, morador na calçada do Salitre, para me comprar o meu vinho e pedi-lhe a 30\$000 réis a pipa (300 litros) e não deixou um real. Pedi-me por ultimo espera até quarta feira, em que regressa a Lisboa e por telegramma me diria a resposta; se eu estivesse com a corda na garganta, já me não podia fazer tão forte!

Tenho pena tambem que V. ainda não venha porque desejava visse a importancia dos predios comprados por mim de ha dois annos para cá e dos excellentes negocios que fiz. Deixemos isto que espero verá breve, porque não me ha de deixar de fazer esse favor quem tão affectuoso tem sido para mim.

As quantias conferem perfeitamente e, se isso lhe não faz diferença, faça-me a fineza de encher uma letra de 8:000\$000, réis conservando o resto deduzida a importancia da letra em seu poder.

Á vista trataremos de juros porque espero, pela *boa sorte* das suas netas me fará esse grande obsequio; o dinheiro que me tem dado tem sido todo empregado utilmente e está *produzindo*, e, logo que d'elle precise, confio em Deus que immediatamente o receberá.

Somos muito amigos para que possa falar com o coração nas mãos.

Abraça-o muito e deseja-lhe e a sua Ex.^{ma} Familia as maiores prosperidades o seu dedicadissimo — *J. Isidro dos Reis*.

22 de novembro de 1892. — Meu querido amigo. — Envio-lhe um affectuosissimo abraço, e com elle as demonstrações do meu maior reconhecimento.

O seu telegramma tranquilizou-me porque tambem receava que estivesse mais incommodado e não pudesse tratar dos meus negocios, mas para si não ha incommodos possiveis quando se trata de servir os amigos. E ningnem sabe melhor ser amigo e praticar actos de verdadeira dedicação!

Sabe o que eu queria? Era poder-lhe prestar serviços superiores! Só assim lhe provaria a minha grande dedicação por si. Deus permita que isso possa ser e que V. e sua querida familia sejam bem felizes, como eu desejo que o sejam minha mulher e o meu filho.

O que deram as sondagens? Foi já cortado o polypo? No dia 1 ahi irei estreitá-lo nos meus braços.

Seu m.º adm.º e m.º ded.º — *J. Isidro dos Reis*.

21 de fevereiro de 1893. — Meu caro amigo. — Está resolvido o negocio do seu amigo prior de Santa Isabel, e foi já expedida a ordem de pagamento n.º 2:319, para o Banco de Portugal, onde elle a deve procurar.
 Mande sempre o seu amigo e muito obrigado — *J. Isidro dos Reis*.

29 de março de 1893. — Meu caro amigo. — Mando os 150\$000 réis da prata que veio, ficando assim desfeito o engano, pelo qual eu ainda não dera, visto meu irmão ainda não ter vindo a casa depois de estar comsigo.
 Renovo os meus agradecimentos por todos os seus favores e interminaveis provas de estima que lhe devo.

Abraça-o o seu muito amigo e muito obrigado — *J. Isidro dos Reis*.

27 de abril de 1893. — Meu caro Lima. — Acabo de receber os 200\$000 réis que muito lhe agradeço.

Vou partir para a Rocha do Conde de Obidos para vêr se evito uma patifaria; ao meio dia ahi estou.

Abraça-o muito e muito o seu — *J. Isidro dos Reis*.

29 de março de 1893. — Meu caro amigo. — Tencionava ir hoje procurá-lo, mas ainda estava deitado, e já estava á porta o delegado da Gollegã, e depois d'elle outro e outro, de forma que tenho tido a casa cheia de visitas; resolvi por isso escrever-lhe e dizer-lhe alguma coisa sobre os meus negocios, o que tambem ahi difficilmente poderia fazer por não podermos estar sós.

Precisava em principios de maio de 1:000\$000 réis, e em junho de igual quantia, e fechava assim a minha conta com o meu bom amigo.

Fora isto só careceria uma ou outra vez de alguma verba para pagar qualquer letra do Banco Lisboa & Agores, mas quando isto succedesse *nunca* o Casimiro Lima estaria desembolsado d'essa quantia por mais de dez dias, o muito. Isto é terminantissimo.

Para liquidar toda a minha conta, que não é pequena, temos varios meios, parte dos quaes se podem pôr *imediatamente* em execução, e outros de julho em deante.

Para qualquer necessidade sua urgente, descontarei letras no Banco de Portugal e Commercial; no primeiro, só por minha intervenção porque sou conhecido lá, no segundo

com o seu auxilio tambem, porque não tenho relações com nenhum dos directores.

De julho em deante, começarei a negociar a minha cortiça, e com ella e com o producto da expropriação, que tenho pendente, espero liquidar de vez as minhas contas comsigo, que tem sido de uma amizade e dedicação por mim como não *encontrei outra igual na minha vida*. Nunca poderei esquecer entre os meus amigos devotadissimos V. que neste ponto a todos tem excedido. Esta é a verdade.

Ha ainda uma outra questão a regular entre nós; tenho a sua promessa, e V. não faltou nunca, na sua vida, ao que promette «que me levaria juros iguaes aos que lhe pagariam se tivesse o seu dinheiro em deposito». Permitta-me pois que exija o cumprimento da sua palavra e lhe peça pela felicidade e vida de suas netas, *cujo futuro é para mim sagrado*, que lance em todas as quantias por mim recebidas esses juros.

O meu caro amigo não deixará de attender mais este pedido meu.

É mais uma *ultima fineza* que dispensa ao seu dedicado e verdadeiro amigo — *J. Isidro dos Reis*.

13 de maio de 1893. — Meu caro Lima. — Muito obrigado pelo seu cuidado, mas as noites e as manhãs tenho-as passado com uma tosse infernal! Tenho um horror á comida que se não descreve! Minha mulher e o meu pequeno estão no mesmo estado.

Como está sua Ex.^{ma} Esposa?

Fazemos do coração sinceros votos pelas suas melhoras.

Tenciono, se Deus não mandar o contrario, sair segunda feira, e, se o fizer, irei ahi abraçá-lo e ao nosso querido director, a quem muito me recommendará.

V. nunca incommoda; tem sempre esta casa á sua inteira disposição.

Mando-lhe as duas letras: vão a um anno de prazo, mas como lhe disse, logo que seja caso de afflicção, ou V. o queira, fazem-se outros com o prazo mais pequeno; leva o valor em generos, e á face da legislação, e perante os tribunales, tem a mesma validade e segurança que se levassem os sellos da *decima de juros*.

Isto é caso de *consciencia* para mim, porque este dinheiro é, para mim e para os meus, *sagrado*; pode V. ter d'isso a certeza *absoluta*.

Abraça-o com muito reconhecimento o seu muito amigo e muito obrigado — *J. Isidro dos Reis*.

17 de maio de 1893. — Meu caro Lima. — Continuo sem melhoras sensiveis; em todo o caso não me sinto peor, o que já é alguma cousa!

Sua Esposa continua tambem no mesmo estado, segundo disseram, ha pouco, ao meu criado. Do coração lhe desejamos rapidas melhoras, e a alegria e o bem estar para todos os *nossos*.

Não tenciono, nem posso, sair por ora. Ha pouco recebi um convite do Pereira de Miranda para ás 7 horas jantar no Hotel Internacional, que é uma festa dada ao Silveira que parte para a Ilha.

Respondi já que por doença não podia aceitar.

Leu o *Correio da Noite* de hontem? Em artigo de fundo, evidentemente do José Luciano, conta as cousas por outra forma: *resolheu-se não propor, mas sim votar a pro posta para a nomeação de uma commissão de inquerito*, se algum Deputado, sob sua *responsabilidade individual* a apresentasse! Como vê, é muito diferente! E faz alem d'isso, o artigo em questão, inteira justiça ao nosso Cunha e aos seus antigos collegas.

Tenho immenso sentimento não poder estar com o nosso querido director nesta occasião: conto, porém, que na sexta feira estarei junto d'elle.

Abraça-o, meu querido Lima.

O seu muito obrigado — *J. Isidro dos Reis*.

18 de maio de 1893. — Meu querido amigo. — Sinto umas *leves* tendencias para melhorar; tomara já verme livre d'esta malfadada doença. Esteve aqui hontem o nosso Cunha, e parece-me que saiu um pouco melhor. Elle tem immensa razão em se queixar da *forma* por que procederam com elle; conheço, porém, o José Luciano, e *juro* pelo que para mim ha mais sagrado que elle nem o offendeu conscientemente nem pretendeu maguá-lo; procederia levemente, porque devia antes de abrir a sessão avisar o Cunha do que se passava — esta é a sua maior falta — mas nunca o fez para desconsiderar um caracter immaculado, como o do nosso director.

Noto ainda que sempre lhe tenho ouvido fazer os mais rasgados elogios, e se o José Luciano entendesse o contrario não estaria na sua indole o occultá-lo; é franco até o excesso!

Concordou no inquerito — que elle tinha a certeza que não poderia offender o Ministro da Fazenda de então — por isso que lhe conhecia toda a sua honrada vida ministerial — não o devia fazer nunca sem consulta previa, e sem o Cunha ter falado na Camara dos Pares — eis o seu maior erro.

Tenho *absoluta* convicção que o nosso director sae de tudo isto com maior nome, o que é para nós, que somos dos seus melhores amigos, motivo de infinito prazer e de enorme consolação.

Abraça-o muito e deseja que o Gama Pinto dê as melhores esperanças á sua querida doente o seu muito dedicado — *J. Isidro dos Reis*.